

OBRAS DO BARÃO DO RIO BRANCO

IX

DISCURSOS

A ELIHU ROOT

Discurso pronunciado originalmente inglês, em 28 de julho de 1906, no Palácio Itamaraty, por ocasião do banquete oferecido ao secretário de Estado Elihu Root. Encontram-se, no Arquivo Histórico do Itamaraty, os textos manuscritos em língua inglesa e portuguesa.

Senhor secretário de Estado,

O entusiástico e tão cordial acolhimento que tendes encontrado no Brasil vos deve ter dado a certeza de que é esse um país verdadeiramente amigo do vosso.

Data de longe essa amizade. Vem dos primeiros dias da nossa Independência, a qual o governo dos Estados Unidos foi o primeiro a reconhecer, como foi o governo do Brasil o primeiro a aplaudir os termos e o espírito das declarações contidas na célebre mensagem do presidente Monroe. O tempo não fez senão ir aumentando, na inteligência e no coração de sucessivas gerações brasileiras, a simpatia e a admiração que os Estados Unidos da América inspiraram aos criadores da nossa nacionalidade.

As manifestações de amizade dos Estados Unidos que tendes presenciado procedem de todo o povo brasileiro e não somente do mundo oficial. Os nossos votos são para que essa amizade, nunca perturbada no passado, seja perpétua e se fortaleça e se estreite cada vez mais.

Meus senhores, levanto o meu copo em honra do digno secretário de Estado dos Estados Unidos da América, senhor Elihu Root, que com tanto brilho e eficácia tem auxiliado o presidente Roosevelt na grande obra da aproximação política entre as nações americanas.



TERCEIRA CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL AMERICANA
II

Discurso pronunciado em 27 de agosto de 1906,
por ocasião de encerramento da III Conferência
Internacional Americana. O original encontra-se no
Arquivo Histórico do Itamaraty.

Meus senhores,

Há 36 dias, neste mesmo recinto, coube-me a assinalada honra de vos dar as boas vindas em nome do Brasil, e o sentimento que então me animava era o de grata expectativa ao iniciar os vossos trabalhos. O tempo correu veloz e as poucas semanas da vossa tão breve estada no Rio de Janeiro bastaram para que tal expectativa se verificasse além das mais auspiciosas previsões. A importância da obra levada a termo com tanta decisão e atividade, obra magistralmente descrita ontem pelo vosso presidente efetivo, representa um esforço pouco usual, de que só seria capaz assembleia como esta, composta de homens em que a cultura jurídica e a capacidade política se completam preciosamente com a severa disciplina intelectual. Considerando a vastidão do programa formulado e a rapidez da sua execução, consenti, senhores delegados, que vos exprima antes de tudo a minha admiração pelo muito que fizestes e pela forma por que o conseguistes fazer.

É noção corrente, talvez justificada pela observação histórica, que nós os meridionais –como na Europa são chamados certos povos latinos –nos esquecemos quase sempre de passar da resolução à ação concreta e eficaz. No caso presente, porém, a tradição da

eloquência cálida e sonora, tão frequente em assembleias americanas, foi abandonada pela sóbria exposição dos problemas e do modo de os resolver. O eco que ao público chegou, vindo do seio das comissões e das sessões plenas desta III Conferência Internacional Americana não foi de justas oratórias, sendo de deliberações tomadas com inteira calma, após atento exame das questões sabiamente reduzidas aos seus termos precisos por homens competentes e de ânimo conciliador. A música das frases – e tivemos-la magnífica e brilhante – reservou-se para os brindes e as alocações nas festas com que procuramos recrear o vosso espírito e que, entretanto, a muitos pareceu, não sem fundamento, terem sido mais uma provação imposta à vossa força de resistência.

Se saís fatigados das nossas manifestações bem-intencionadas ou dos labores que a cada um de vós foram distribuídos na conferência, dessa fadiga só foi culpado o tempo escasso que tivemos para vos acolher e tratar. Falando a verdade singela, o imprevisto da honra que nos foi conferida em Washington pela União das Repúblicas Americanas não permitiu que nos preparássemos com toda a necessária antecedência para oferecer a recepção que desejáramos que aqui tivessem tão distintos visitantes; e foi assim que, neste país amigo, pouco mais pudestes encontrar do que a abundância da nossa cordialidade. Vós vos contentastes com isso, e nas deficiências do nosso modesto agasalho não quisestes ver senão o prazer sincero e os bons desejos com que vos acolhemos.

O Rio de Janeiro, que se transforma e rejuvenesce há três anos apenas; esta casa que se improvisou para as vossas reuniões; a vida social brasileira a que trouxestes o ornamento da vossa presença; a nossa vida política que prossegue serena e laboriosa, em simpatia com a elevada missão que aqui vos trouxe; este vasto país todo unido, na tranquila segurança dos seus destinos, sem preocupações ambiciosas, que nunca teve, de domínio ou de hegemonia; estas e outras impressões serão, espero, mais duradouras e falarão melhor por nós no vosso espírito quando já nele se tiver apagado a lembrança dos possíveis incômodos da vossa jornada ao Brasil, vindo muitos de vós de paragens tão remotas.

O bem que a todos nós fez a atual Conferência Internacional do Rio de Janeiro penso que é considerável. Um dos distintos membros desta assembleia, em vossa presença, no Ministério das Relações

Exteriores, e falando em vosso nome, disse ontem que ireis daqui sair mais americanos do que viestes. Tão grande é o nosso anelo de que esse seja o sentimento geral, que nos atrevemos a interpretar a frase do nosso hóspede ilustre como exprimindo a vossa convicção definitiva de que o patriotismo brasileiro nada tem de agressivo, de que, mais ainda por atos do que por palavras, fiéis às tradições da nossa política exterior, trabalharemos sempre por estreitar as nossas boas relações com as nações do nosso continente e, particularmente, com as que nos são mais vizinhas. A opinião popular transvia-se muitas vezes. Não raro, um vento de insânia, despertando instintos bárbaros, açoita e abala os povos, mesmo os mais cultos e cordatos. O dever do estadista, o de todos os homens de verdadeiro senso político, é combater as propagandas de ódios e rivalidades internacionais.

Nem população densa, nem dureza de vida material podem tornar o Brasil suspeito aos povos que ocupam este vosso continente da América. Às Repúblicas limítrofes, a todas as nações americanas só desejamos paz, iniciativas inteligentes e trabalhos fecundos para que, prosperando e engrandecendo-se, nos sirvam de exemplo e estímulo à nossa atividade pacífica, como a nossa grande e gloriosa irmã do norte, promotora destas úteis conferências. Aos países da Europa, a que sempre nos ligaram e hão de ligar tantos laços morais e tantos interesses econômicos, só desejamos continuar a oferecer as mesmas garantias que lhes tem dado até hoje o nosso constante amor à ordem e ao progresso.

Levareis, senhores delegados, aos vossos governos e à vossa pátria estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do governo e do povo brasileiro. Possam elas servir para apagar desconfianças malnascidas e ressentimentos infundados, se ainda os há, e trazer-nos em troca o bafejo sempre crescente da amizade de todos os povos americanos, amizade que cultivamos com carinho e que nunca cessaremos de cultivar.



HOMENAGEM DO
EXÉRCITO NACIONAL

Discurso pronunciado em 10 de novembro de 1906, no Palácio Itamaraty, por ocasião da homenagem que lhe foi prestada pelo Exército Nacional. Publicado no *Jornal do Commercio* de 11 de novembro de 1906.

Meus senhores,

Muito me comove e penhora esta manifestação da brilhante oficialidade do Exército Nacional, manifestação autorizada pelo meu prezado amigo e colega ministro da Guerra* e que, como era de razão, primeiro se dirigiu, no campo de manobras de Santa Cruz, ao preclaro estadista a quem o povo brasileiro confiou há quatro anos a magistratura suprema desta República.

Ao presidente Rodrigues Alves cabem todos os parabéns pela política de paz e concórdia americana, que, como todos os seus predecessores, desde a proclamação da nossa Independência, ele se esforçou sempre por seguir e desenvolver, pondo particular empenho em estreitar cada vez mais os laços de antiga amizade que nos unem à nossa grande irmã do norte. A mim só cabe o mérito de lhe haver proposto a criação da nossa embaixada em Washington e a nomeação para ela de Joaquim Nabuco, que com tanta distinção a ocupa e que tanto tem sabido fazer ali para tornar mais conhecido e estimado o Brasil. O movimento de simpatia que mais intensamente se acentuou nos Estados Unidos da América para com o Brasil deve-se, sem dúvida, às raras qualidades do nosso digno

* General-de-divisão Francisco de Paula Argôlo.

embaixador, ao primor com que sabe traduzir o pensamento do governo do seu país e ao encanto que ele inspira a quantos o tratam de perto; mas deve-se, sobretudo, à influência crescente que o Brasil tem ganhado no conceito universal em alguns anos de paz interna, podendo assim lançar-se resolutamente no caminho de todos os melhoramentos morais e materiais. Sem isso, que é obra de toda a nação e dos seus principais conselheiros e diretores políticos, não se teria dado o voto espontâneo e quase unânime das Repúblicas do nosso continente elegendo esta cidade do Rio de Janeiro para sede da III Conferência Internacional Americana, nem teríamos recebido a visita do eminente estadista senhor Elihu Root, eloquente pregoeiro da política de confraternidade que o grande presidente Roosevelt representa e que os Estados Unidos da América desejam ardentemente ver aceita, generalizada e consolidada nesta parte do mundo.

A manifestação que fizestes ao presidente da República e a com que me honrais hoje não são das que possam dar motivo de suspeita ou inquietação no estrangeiro. Como brasileiros, embora militares, aplaudindo as belas palavras proferidas pelo secretário de Estado Root naquela conferência, afirmais os vossos sentimentos de solidariedade americana, o vosso amor à paz e à concórdia entre os povos, e o vosso afeto a todas as nações do nosso continente, que nós os brasileiros estimaremos ver cada vez mais prósperas e poderosas, desejando para elas tudo quanto de bom desejamos para a nossa própria pátria.

Sois soldados de um país que, logo ao assentar as bases da sua política exterior, mostrou invariavelmente não sonhar com hegemônias ou com conquistas territoriais.

A primeira guerra estrangeira que tivemos foi para defender um território cujo povo, cansado da anarquia e da caudilhagem, voluntariamente se incorporou ao Brasil, quando ainda não éramos uma nação soberana. Fez-se a paz, desistindo o Brasil e o seu contendor das pretensões que defendiam pelas armas; fez-se a paz, concordando ambos em formar desse território um Estado independente, e desde então não encontrou a briosa nação uruguaia amigo mais leal e desinteressado, nem partidário e sustentador mais convencido da sua independência.

Depois, em 1851 e 1852, como de 1864 a 1870, só desembainhamos a espada porque provocados para vingar a honra nacional ultrajada e, concomitantemente, para promover o restabelecimento ou a

constituição do regime democrático nos países do Prata e do Paraguai. Por isso o ilustre general dom Bartolomeu Mitre, que compreendia para a sua pátria a conveniência da aliança brasileira, como nós compreendemos, para nós e no interesse geral desta parte do mundo, a conveniência da amizade argentina, pôde dizer em 1880 que o Brasil fora um vencedor de tiranos e libertador de povos.

Quando éramos, incontestavelmente, a primeira potência militar da América do Sul, em terra e no mar, nunca a nossa superioridade de força foi um perigo para os nossos vizinhos, nunca empreendemos guerras de conquista, e menos poderíamos pensar nisso agora que a nossa Constituição política no-las proíbe expressamente. Resolvemos sempre por transações amigáveis as nossas questões de limites, sem levar tão longe quanto a nossa antiga mãe-pátria as pretensões do Brasil. No último acordo com a Bolívia, em virtude do qual readquirimos parte dos vastos territórios que lhe havíamos cedido em 1867, oferecemos-lhe grandes compensações, que não de, estou certo, assegurar a sua prosperidade comercial em futuro próximo. Vivemos à larga dentro das fronteiras que fecham os territórios em que se fala a nossa língua, descobertos e povoados pela nossa gente.

Mas o nosso amor à paz não é motivo para que permaneçamos no estado de fraqueza militar a que nos levaram as nossas discórdias civis e um período de agitações políticas que, devemos crer, está felizmente encerrado para sempre.

Não depende da vontade de uma nação evitar conflitos internacionais. Mesmo os Estados neutralizados, com a Suíça e a Bélgica, cuidam séria e patrioticamente da sua defesa militar, na previsão de possíveis complicações e ataques. A grande extensão do nosso litoral e do nosso território interior, o exemplo de vizinhos que se armaram enquanto só cuidávamos da nossa política interior, impõe-nos o dever de reunir os elementos de defesa nacional de que precisamos. Temos de prover pela nossa segurança, de velar pela nossa dignidade e pela garantia dos nossos direitos que, às vezes, só a força pode dar. Carecemos de exército eficaz e de reservas numerosas, precisamos reconquistar, para a nossa marinha, a posição que antigamente ocupava.

Meus senhores, não recebo a manifestação de hoje como prêmio merecido de alguma obra em que eu me houvesse ilustrado, mas

como uma nova expressão generosa da alma brasileira, como um testemunho de aprovação do meu trabalho e mais uma prova da simpatia com que os meus compatriotas me animam desde muito no esforço de bem servir a causa nacional. Recebo-a como penhor de solidariedade e de apoio, mais do que de aplauso.

E de nenhum grupo dos meus concidadãos me seria mais grato esse atestado de que tenho ido certo e pelo bom caminho do que da o corporação a quem o país confiou a missão de servir de núcleo à sua defesa nos dias de perigo. Diplomata e soldado são sócios, são colaboradores que se prestam mútuo auxílio. Um expõe o direito e argumenta com ele em prol da comunidade; o outro bate-se para fazer vingar o direito agredido, respondendo à violência com a violência.

Quanto a mim, a quem, por bondade, atribuí parte maior do que seria justiça distribuir-me na obra histórica dos progressos políticos do Brasil diante do estrangeiro, permiti que não reclame para o meu ativo de homem público outra coisa que não seja o zelo por bem servir à nossa terra, cujos interesses e cuja glória têm sido o cuidado e a preocupação da minha vida inteira. Nisto procurei seguir o exemplo de uma vida – mais ativa e mais intensa essa – que, bem de perto e afetuosamente, me alumiou o caminho do dever e me ensinou a amar a pátria e a prezar os seus defensores.

Senhores oficiais, com grande prazer e pelas vias costumadas, terei a honra de fazer chegar às mãos do presidente Theodore Roosevelt e do seu digno secretário de Estado, mr. Elihu Root, a lembrança que lhes ofereço, e é um merecido preito de admiração e de aplauso a dois dos maiores estadistas do nosso tempo.

VISITA DA ESQUADRA
NORTE-AMERICANA

Discurso pronunciado originalmente em inglês, em 20 de janeiro de 1908, no Palácio Monroe, por ocasião do banquete em homenagem à esquadra norte-americana. O original, em português, encontra-se no Arquivo Histórico do Itamaraty. A versão inglesa foi publicada no *Jornal do Commercio* de 21 de janeiro de 1908.

Senhores,

Neste banquete oferecido pelo governo brasileiro aos almirantes e oficiais da frota norte-americana em viagem para o Pacífico, o primeiro brinde que tenho a honra de propor é ao presidente dos Estados Unidos da América;* e eu faço com o mais vivo prazer, congratulando-me com os nossos hóspedes por nos acharmos reunidos neste edifício ainda recente, mas desde logo predestinado para teatro de expressivas manifestações da cordial amizade das duas grandes pátrias americanas.

Sob esta mesma cúpula, quando os Estados Unidos celebravam o centenário da compra da Luisiana, foi hóspede do Brasil por alguns momentos, em São Luís, o grande presidente, e de sua visita a esta Casa conservamos e conservaremos a grata lembrança das calorosas manifestações e do seu bondoso apreço pelo Brasil. Reerguido mais tarde nesta cidade do Rio de Janeiro para a reunião da III Conferência Internacional Americana, foi no principal salão deste edifício que o secretário de Estado mr. Root pronunciou, em 31 de julho de 1906, o notável discurso, que ficou sendo a mais

* Theodore Roosevelt.

completa exposição da política continental norte-americana. E foi também aqui, naquela mesma ocasião, que em nome do governo brasileiro anunciei que o Pavilhão do Brasil em São Luís passava a ser chamado oficialmente “Palácio Monroe”, ficando assim erguido neste país um monumento em honra do famoso autor da declaração de dezembro de 1823, à qual o governo do Brasil foi o primeiro em nosso continente a aderir, em janeiro de 1824.

A decisão do governo brasileiro em 1906, demonstrando o seu firme empenho em uma política de paz e de confraternidade na América, foi ainda uma afirmação significativa da velha e vigorosa amizade do Brasil para com a gloriosa pátria de Washington, de Monroe e de Lincoln. E, senhores, é plenamente convencido da firmeza e da constância da recíproca amizade entre o Brasil e os Estados Unidos que levanto o meu copo para, como todos vós, saudar o presidente Roosevelt, em quem tão nobre e perfeitamente se personificam, no alto posto que ocupa, a grandeza, o poder e a influência mundial do povo norte-americano.

Senhores, em qualquer parte do mundo em que se encontram oficiais da marinha de diferentes nacionalidades, estabelece-se logo entre eles um espírito de cordial camaradagem. O destino comum aproxima num nobre encanto os homens que vivem na solidão do mar e que levam consigo, por todos os hemisférios, o culto incomparável da pátria ausente. Mas entre os marinheiros dos Estados Unidos da América e do Brasil, contaram-me velhos oficiais nossos, esse sentimento de confraternidade tem sempre manifestações ainda mais expressivas. O que ouvi na mocidade, ouço agora de jovens oficiais que visitaram os Estados Unidos, e estamos aqui testemunhando durante a grata permanência da frota norte-americana do Pacífico na baía do Rio de Janeiro.

Desde muito, desde o aparecimento da clássica história naval de Fenimore Cooper, não só os nossos marinheiros, mas também todos os cultores das boas letras neste país se familiarizaram com os primeiros feitos da Marinha norte-americana e com os brilhantes nomes de Paul Jones, Decatur, Bainbridge e Perry. Depois, e já no meu tempo, vieram os combates em que “corações de ferro em navios de madeira” souberam vencer encouraçados e zombar dos seus esporões. Vieram também as arrojadas operações de Farragut e

Porter, e conheceis como as grandes potências militares da Europa, surpreendidas pela audácia e pelo espírito inventivo dos americanos, tiveram de reformar inteiramente as suas esquadras de navios de madeira, tornados inúteis como navios de combate (*battle ships*).

Essas lições dadas às velhas nações também nós as aproveitamos um dia. E dizem profissionais insuspeitos, porque não eram naturais desta terra, que os marinheiros do Brasil se mostraram dignos dos seus grandes modelos do norte.

A antiga simpatia entre as Marinhas norte-americana e brasileira, aumentada por esses feitos de guerra, não podem deixar de progredir até o ponto a que chegou pela força benéfica da crescente aproximação política entre os dois povos amigos.

Em Norfolk e Washington, no ano passado, inequívocas demonstrações aos nossos oficiais, às quais tão expressivamente se associou o governo norte-americano, penhoraram a gratidão brasileira; e hoje, é com imenso júbilo que, por ocasião das festas promovidas pelo governo, pela nossa Armada e pela sociedade brasileira, o povo do Rio de Janeiro acolhe a Marinha norte-americana com aquele mesmo espontâneo entusiasmo com que saudou, na sua memorável passagem por este país, mr. Root, o preclaro propagandista da paz e da concórdia continental.

O Brasil agradece a visita dos seus amigos do norte aqui vindos nesses poderosos vasos de guerra que, segundo a bela expressão do presidente Roosevelt, são mensageiros de amizade e de bons desejos, encarregados de celebrar conosco a continuação da longa e inquebrantável harmonia e mútua cooperação entre as duas grandes Repúblicas.

Convido os meus compatriotas aqui presentes a saudar comigo, em nome da nação brasileira e do seu governo, a valorosa Marinha norte-americana, a exemplo de perícia e de disciplina militar, modelo de dedicação à pátria e formidável asseguradora do imenso prestígio da grande República, orgulho do nosso continente.

A WILLIAM J. BRYAN

Discurso pronunciado originalmente em inglês, em 17 de março de 1910, no Palácio Itamaraty, por ocasião do banquete oferecido a William Jennings Bryan. O original encontra-se no Arquivo Histórico do Itamaraty.

Mr. Bryan,

Este país que estais visitando, e onde sentimos que seja tão rápida a vossa passagem, deve ser contado neste nosso continente como o mais antigo e certamente como um dos mais constantes e leais amigos dos Estados Unidos da América.

Desde 1787, quando ministro em França, Thomas Jefferson teve provas da influência que o estabelecimento do governo popular nos Estados Unidos da América começava a exercer no ânimo dos brasileiros. Os primeiros planos para a revolução da independência do Brasil, inspirados no exemplo dos Estados Unidos, foram aqui descobertos em 1789 e deram lugar a prontas e enérgicas medidas de repressão.

Os acontecimentos da Europa fizeram com que, pacificamente, se encerrasse, em 1808, a época colonial no Brasil. Desde então começaram as relações comerciais e políticas entre os dois países. Estabeleceu-se pouco depois uma legação norte-americana no Rio de Janeiro, e em 1822 o reino do Brasil separou-se do de Portugal. O Brasil passou a ser um Império Constitucional, procurando os que o fundaram e o mantiveram, até 1889, imitar, com uma organização democrática, o governo parlamentar da Inglaterra. Mesmo durante

esse período, depois das reformas de 1834, tivemos um começo de federação modelada pelas que ainda existem em certas possessões britânicas.

Apesar da diferença na forma do governo, o Império Constitucional e parlamentar que tivemos considerou-se sempre uma potência verdadeiramente americana e procurou manter as melhores relações com as Repúblicas do continente e mui particularmente com os Estados Unidos da América. O primeiro país que aderiu à doutrina de Monroe foi o Brasil, pois nesse sentido o governo imperial passou instruções à sua legação em Washington, em 23 de janeiro de 1824.

Mas a influência do rápido e maravilhoso progresso de vossa pátria continuou a fazer-se sentir no Brasil, e a admiração dos brasileiros pela grande República do norte foi crescendo sempre. A revolução de 1889 criou os Estados Unidos do Brasil, e a nova República organizou-se com uma Constituição quase inteiramente copiada das vossas leis constitucionais.

Era natural que a política de aproximação com os Estados Unidos da América, observada pelo governo brasileiro desde os primeiros dias da independência deste país, se acentuasse ainda mais depois da Proclamação da República. E assim sucedeu.

O Brasil tem tido a boa fortuna, que muito aprecia, de manter as mais cordiais relações com os Estados Unidos da América, desde dom Pedro I e José Bonifácio de Andrada até hoje, desde James Monroe até ao vosso amigo político Grover Cleveland e ao presidente Theodore Roosevelt, o qual, com o seu secretário de Estado Elihu Root, deu à nação brasileira tantas provas de sua bondosa estima.

Nas recentes demonstrações de alto apreço dadas pelo presidente Taft e pelo povo americano por ocasião da morte e do funeral do nosso lamentado embaixador Nabuco – demonstrações a que somos profundamente reconhecidos pelo muito que esse grande brasileiro nos merecia e pelo muito que o amávamos –, queremos ver também, até certo ponto, mais uma prova de amizade americana para com o Brasil.

Que as antigas e boas relações de cordial inteligência entre os dois países se estreitem e se consolidem cada vez mais, posso assegurar-vos que é um dos mais constantes e ardentes desejos do governo e do povo do Brasil. Posso ainda afirmar que – sem de modo algum

pretender quebrar ou enfraquecer os vínculos de simpatia e gratidão que nos unem à Europa, de onde procede a nossa civilização e que tão valioso concurso nos presta para os nossos adiantamentos morais e materiais – o Brasil procura mui empenhadamente colaborar com a vossa pátria, para que todos os dias ganhe forças e adesões a política de concórdia e de confraternidade continental solenemente iniciada em Washington há 20 anos, com a instituição das conferências internacionais americanas.

É com o mais vivo prazer, mr. Bryan, que eu e os meus compatriotas aqui reunidos vemos honrada hoje, com a presença de um visitante tão ilustre, como vós sois, esta Casa, que, como sabeis, é o nosso “Department of State”, inaugurado há 102 anos. A vossa nomeada como estadista, como orador e como filósofo cristão há muito transpôs as fronteiras da vossa grande e gloriosa pátria. Se ali sois altamente considerado e querido, nos países estrangeiros, particularmente nos de governo popular, sois com razão admirado pelos grandes exemplos, que tendes sabido dar, de cordura, moderação e magnanimidade. É por isso que, sendo vós um dos principais líderes do partido que há anos se acha em oposição nos Estados Unidos, podeis ser acolhido franca e afetosamente pelos representantes oficiais do governo americano. É por isso que, hoje, temos também a grande satisfação de ver nesta mesa, a vosso lado, o embaixador americano, digno representante do presidente Taft, vosso concorrente na última eleição presidencial, em que, do mesmo modo que em dois anteriores pleitos, alcançastes milhões de sufrágios dos vossos concidadãos.

Tendo agora a honra de beber à vossa saúde – o que faço com as seguranças do meu maior respeito, afeto e admiração pela vossa pessoa –, não falto a nenhuma conveniência protocolar levantando, ao mesmo tempo, o meu copo – com a devida e graciosa permissão do embaixador Dudley – em honra do povo americano, representado por ambos vós tão competentemente, e em honra do presidente dos Estados Unidos da América, mr. William Taft.